

Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira / *Reflections on the Dialogic Analysis of Verbal-Visual Discourses: a Case of Humor in Brazilian Politics*

*Roberto Leiser Baronas**
*Lígia Mara Boin Menossi Araujo***
*Samuel Ponsoni****

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo perscrutar o funcionamento da verbo-visualidade de uma perspectiva dialógica do discurso, utilizando, como material de análise, uma videomontagem humorística acerca do ator político Dilma Rousseff, durante a campanha presidencial brasileira do ano de 2010. Primeiramente, procuramos refletir acerca de alguns pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin e de Brait, qual seja, o de verbo-visualidade, alicerçado na concepção bakhtiniana de linguagem. Em um segundo momento, detivemo-nos na análise do texto objeto do artigo, que se pautou na seguinte indagação: como contribuem e funcionam os elementos verbais e visuais para produção e direcionamento de sentidos na videomontagem? Nossa hipótese é a de que os discursos carregados pela montagem criam uma trilha ideológica de sentido que leva os interlocutores a interpretar a então candidata como uma pessoa sem discurso, manipulável. Diante do exposto, tentaremos demonstrar a hipótese que sustentamos.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo-visualidade; Análise dialógica; Discurso político; Texto humorístico

ABSTRACT

In this paper, we aim to scrutinize the functioning of the verbal-visuality under a dialogic perspective of discourse, using as material of analysis a humorous video montage about the political actor DilmaRousseff, during the Brazilian presidential campaign, in the year of 2010. Firstly, we reflect on some of Bakhtin's theoretical and methodological assumptions and also on Brait's, namely, the one of verbal-visuality, grounded on the bakhtinian conception of language. Secondly, we retain ourselves in the analysis of the text which is the object of the article, that have guided us to the following question: How have contribute and worked the verbal and visual elements for production and direction of senses in the video montage? Our hypothesis is that the discourses registered in the montage creates a sense of ideological trail that leads interlocutors to interpret the candidate as a person without discourse, manageable. Facing this question, we will try to demonstrate this hypothesis that we support.

KEYWORDS: *Verbal-Visuality; Dialogic Analysis; Political Discourse; Humorous Text.*

* Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; CNPq; baronas@uol.com.br

** Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; FAPESP; ligiamenossi@gmail.com

*** Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; FAPESP; sponsoni@yahoo.com

Considerações iniciais

A Internet é um espaço – alguns diriam ciberespaço – em que podemos encontrar um grande número de fenômenos comunicativos do mundo contemporâneo. Isso porque o outrora “faça você mesmo”, que determinou inúmeros acontecimentos sociais, sejam eles na moda, na música ou até mesmo nas relações de trabalho e/ou aquisição de conhecimentos, na Internet, atualmente, configura-se como um “Poste você mesmo” aquilo que, por diversos motivos, lhe pareça relevante. Poste e transmita (“Broadcast”, já diz a insígnia do YouTube). Nesse sentido, as trocas permitidas em *sites* de interatividade, como o YouTube, possibilitam que se visualizem, ao longo de algum tempo, certas modificações culturais nas sociedades, principalmente no que tange à circulação discursiva de discursos de ordens diversas. Vejamos o que diz o editorial do *site*:

Fundado em fevereiro de 2005, o YouTube permite que bilhões de pessoas descubram, assistam e compartilhem vídeos criados originalmente. O YouTube oferece um fórum para que as pessoas se conectem, informem e inspirem outras, em todo o globo, e age como uma plataforma de distribuição para criadores e anunciantes de conteúdo original, pequenos e grandes. Consulte a linha do tempo de nossa empresa para obter mais informações sobre nossa história. Disponível em: <http://www.youtube.com/t/about_youtube>. Acesso em 8/2/2013.

Por isso, é possível dizer que essa rede de informação e interação, alimentada por hipervínculos, recursos semióticos e os meios visual, verbal, auditivo, entre outros, é um lugar privilegiado para os estudiosos do discurso que pretendem analisar os significados sociais que circulam com uma “suposta” liberdade sem fronteiras, se debruçar em um instigante e “admirável novo mundo” – nem tão novo enquanto criação tecnológica, mas certamente novo enquanto ferramenta de trocas comunicacionais do tipo “poste você mesmo”.

No YouTube, é possível encontrar os mais diferentes vídeos ao acessarmos o *site* em um espaço próprio. Basta digitarmos uma palavra sobre o assunto que nos interessa, clicarmos em *buscar* e logo aparecerá uma lista com diferentes vídeos relacionados semanticamente com aquela palavra, um sistema de busca associado a termos-chave, semelhante ao *site* de busca Google que, a propósito, tem grande contribuição do filão

da Linguística que se dedica ao detalhamento e à depuração eletrônica de *corpora* para estudos tradutórios, lexicológicos, estatístico-textuais, etc. Portanto, o discurso, na contemporaneidade, une e mescla, por um lado, diferentes recursos tecnológicos na construção do que se quer expressar e, por outro lado, possibilita a construção de diferentes formas de representar discursivamente fenômenos sociais (ABRIL, 2008). *Sites* como o YouTube, além de abrigar mais uma ferramenta de (re)construção de sentido - a saber, as videomontagens, por exemplo -, permitem que se articulem diferentes mecanismos de expressão verbal e não-verbal.

Assim sendo, este trabalho tem como material de análise uma videomontagem, postada no *site* YouTube, intitulada “Direto ao Assunto: Episódio #04 - Copa 2010”, caracterizada inicialmente como humorística¹. O objetivo é perscrutar o funcionamento da verbo-visualidade de uma perspectiva dialógica do discurso. Por um lado, em uma primeira parte do artigo, discutiremos alguns conceitos teórico-metodológicos de Bakhtin (1997, 2006), como, por exemplo, a compreensão que o autor russo apresenta acerca de relações dialógicas, signo ideológico, texto, enunciado e dado/criado, e de Brait (2012a, 2012b), sobretudo a concepção de verbo-visualidade, em que, ancorada na concepção bakhtiniana de linguagem, a linguista brasileira desenvolve um forte arcabouço teórico para pensar as inter-relações dialógicas entre os textos verbais e visuais componentes das mais distintas práticas sociais. Por outro lado, já em uma segunda parte do artigo, voltaremos nosso olhar para a análise dialógica, que será guiada dentro dos seguintes questionamentos: como se dá o funcionamento verbo-visual para produção de sentido construída pelo locutor da videomontagem, levando-se em conta o *corpora* de análise? É possível afirmar que essa videomontagem é um texto composto por discursos político-partidários, ou apenas por discursos futebolísticos, ou ainda por outras manifestações discursivas a princípio mais sutis? Nosso recorte pode ser considerado um signo ideológico que estabelece relações dialógicas entre os elementos presentes, para, dessa forma, construir compreensões de sentidos e atingir o

¹ Entendemos que essa videomontagem é de natureza humorística porque há uma quebra de expectativa no que será mostrado; além disso, na página onde está postada, há paratextos com legendas, indicando o caráter humorístico do vídeo: “Talk-Show com a ex-ministra do Presidente Lula. Assunto de Hoje – Copa do Mundo – Este é um vídeo de humor. Comentários ofensivos serão deletados. É possível ser crítico sem incorrer a infrações. www.twitter.com/exilado”. Com essa observação, “É possível...”, o locutor modalizou sua fala, eximindo-se de qualquer represália, característica fundamental/importante para o discurso de humor. O foco na degradação da figura de Dilma Rousseff permite-nos afirmar que se trata um efeito de derrisão, o qual, segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous, é “a associação do humor e da agressividade que a [derrisão] caracteriza e a distingue da pura injúria” (2003, p.35).

objetivo de descaracterizar a candidata por meio do humor que vai sendo engendrado na construção composicional?

1 Perspectiva dialógica do discurso

A verbo-visualidade está presente nos mais diferentes materiais trazidos para os estudos da linguagem. Ao estudá-la sob a perspectiva dialógica, sugerida por Bakhtin, torna-se importante lembrar que os estudos da linguagem não têm um fim absoluto, mas são torneados conforme os discursos surgem e nos instigam a novas questões. Essa característica, própria a qualquer ciência, está em constante evolução, ou ao menos em busca de um *Télos*, não em sentido cumulativo, mas em um movimento pendular de ação e revisão teórica e metodológica, que incorpora movimentos de ruptura. Nos horizontes de investigação, há muito a ser descoberto sobre o desenvolvimento da linguagem, em virtude, por exemplo, do progresso científico e tecnológico da sociedade em que os sujeitos estão imersos, o que pode provocar o surgimento de novas materialidades. Segundo Ferdinand Saussure, para se entender a linguagem como um todo é preciso que se conheçam muitas línguas, que, por sua vez, são mutáveis e imutáveis ao mesmo tempo, algo que pode acarretar uma infinidade de mudanças, com perdas, diferenças e acréscimos na história humana. Assim o homem, em suas inter-relações ordinárias de comunicação languageira, concebe novas formas de pensar, agir, compreender e interagir por meio de novos objetos, fazendo-os florescer para novos acontecimentos na singularidade histórica. Dessa perspectiva, portanto, o homem é constituído na e pela linguagem ao dar compreensões de sentido ao mundo, a si e aos outros homens, por meio de uma relação dialogal entre as significações que se quer trocar, adquirir ou pôr em circulação.

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*², o autor, Bakhtin/Volochinov, assevera que “tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (2006, p.31). Exemplo disso: um instrumento que em um primeiro momento tem apenas uma função pode adquirir um sentido puramente ideológico

² Valentin N. Volochinov consta da maioria das edições, especialmente das traduções, como coautor e, em algumas, como o autor de *MFL*.

tornando-se um signo, como a foice e o martelo para os comunistas e o pão e o vinho para os cristãos. Desse modo, o autor afirma que, paralelamente a materiais e artigos de consumo, temos um universo de signos. Os signos refletem e refratam parte de uma realidade, fruto das interações languageiras, podendo ser fiéis ou tomá-la sob determinado ponto de vista, pois todo signo está ligado a uma avaliação ideológica, em que há o domínio efetivo dos signos e do ideológico e “tudo o que ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.33). Portanto, sendo o signo um fenômeno do mundo exterior, possui um aporte material, como, por exemplo, o som, a massa física, a cor, o movimento do corpo e outras formas de se materializar os efeitos de sentidos ideológicos adquiridos ao longo das inter-relações sociais na história dos sujeitos. Eis aí um ponto em que os teóricos, que se debruçaram de forma contundente sobre *Marxismo e filosofia da linguagem*, teriam aberto para que se pudesse pensar o verbo-visual, uma vez que o signo, interligado a questões atreladas ao funcionamento discursivo verbo-visual, abre um amplo panorama de estudos.

E, para compreender os signos, os sujeitos precisam de consciência e da realidade material que aproxima os signos de outros signos, por meio de um material semiótico que possibilite a formação de uma cadeia que não se rompe no decurso da história – ou, ainda, que perdura longamente. Essa cadeia compõe-se pelas diversas consciências individuais, repletas de signos, no processo de interação social. Seu caráter primeiro é o fato de que o ideológico está situado entre os indivíduos e é utilizado por eles como meio de comunicação em um *terreno interindividual*. Também por isso a consciência individual é de caráter socioideológico, e os indivíduos devem estar socialmente organizados para que os signos se constituam, façam sentido. Muito discutida, mas pouco esclarecida em seus diferentes campos de pesquisa, para Bakhtin/Volochínov, a consciência é aquilo que adquire forma e existência por meio das relações sociais de determinado grupo organizado; com isso, “a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social” (2006, p.36). Esse aspecto sugerido pela citação, em que se coadunam interação semiótica, papel da comunicação social para a construção dos signos e, conseqüentemente, os efeitos de sentidos (re)carregados nos signos, advindos das interações entre os sujeitos no cotidiano social, aparecem de maneira clara e completa na linguagem, ou seja, é na

linguagem que aparecem aos sujeitos as múltiplas possibilidades para significar e interagir.

Para Bakhtin/Volochínov, dentre esse repertório sógnico, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, sendo o modo mais transparente da relação social, pois ela é absorvida pela função de signo (2006, p.36). Dito de outro modo, mas ainda sobre a compreensão bakhtiniana, a palavra é o mais importante roteiro no palco das manifestações ideológicas da linguagem.

Outro aspecto que dá à palavra lugar essencial na compreensão da linguagem de Bakhtin/Volochínov é o fato de que podemos emprenhá-la de ideologia, conforme os grupos sociais a fazem circular nas esferas de comunicação, pois diferentemente de outros signos, que têm inerente a eles uma ideologia ou mais ideologias atreladas mais ou menos estabilizadas, a palavra pode transitar em diferentes domínios, servindo à ancoragem dos mais diversos discursos e seus direcionamentos ideológicos. A palavra é o mais acessível repertório sógnico nas interações sociais, o que, portanto, a faz encontrar-se de maneira peculiar na comunicação cotidiana, não necessitando ainda, para isso, de aparelhagem ou material extracorporal para constituir-se. Ou seja, são necessárias à consciência, para formar um signo interior, uma vez que a palavra é “*material semiótico da vida interior, da consciência*” e, por isso mesmo, “a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.37-38, grifos do autor). Por meio das interações dialógicas, então, a palavra deixa a consciência interior e passa a circular como signo no cotidiano social dos sujeitos e nas práticas discursivas em que eles se inscrevem. É por isso também que a palavra tem a mobilidade sógnica para acompanhar toda refração ideológica por meio de uma refração dialógica verbal.

Sendo assim, a palavra, de maneira dialógica, é ponto de partida para a compreensão da interação linguagem e sujeitos, para o estudo das leis da refração ideológica existente em signos e na consciência. Isso porque possui *pureza* semiótica, espaço para preenchimento de ideologias menos estabilizadas, cotidianas: está na comunicação humana, da mais prosaica à mais complexa, tem caráter de interiorização e acompanha todo ato consciente, permitindo assim que se possa conceber e estabelecer uma espécie de ponte entre os sujeitos. Como diz Bakhtin/Volochínov,

toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (2006, p.117, grifos do autor).

Nessa passagem, observamos a afirmação de que a palavra só vive por conta da existência de pelo menos dois sujeitos em uma interação dialógica, ambos definindo a si mesmos e aos outros por meio do conjunto de embates suscitados desse movimento dialógico. Partindo dessa compreensão, enveredamos para um aporte teórico-metodológico proposto por Bakhtin no ensaio *Metodologia das ciências humanas*, abrigado na obra *Estética da criação verbal* (1997), em que podemos observar que o autor russo inicia a discussão do processo de compreensão da palavra pelos sujeitos. De acordo com o teórico, para que este processo ocorra, é preciso que alguns atos também se realizem, como, por exemplo: a percepção psicofisiológica do signo físico, o reconhecimento do signo, a compreensão de sua significação em dado contexto, a compreensão dialógica ativa a partir da interação entre sujeitos e o uso da linguagem, entre outros fatores. Em outros termos, diríamos que um sentido, ideologicamente constituído em uma palavra, por exemplo, é compreendido ao ser engendrado, dialogicamente, com outros sentidos, num processo ativo de compreensão dos sujeitos.

Tal qual os sujeitos, os textos só se constituem quando em contato com outros textos. É ao entrar em diálogo com outros textos que é possível ver o que está atrás, o que está dentro e o que está à frente, e visualizar não somente outros textos, mas os elementos extratextuais. Essas influências textuais têm impacto na evolução dos sujeitos que, nas primeiras fases de sua vida, desenvolvem a palavra no processo dialógico em contato com outras palavras, como as da mãe. A palavra, então, tem papel de revelação, iluminação e encontro com o mundo, ou, dizendo diferentemente esse quase aforisma, é uma ponte de linguagem entre sujeitos; todavia, há uma espécie de “esquecimento” por parte dos autores da palavra, um esquecimento de que a palavra do outro constitui a palavra do próprio sujeito. Ou seja, um apagamento da relação dialógica que a consciência monologiza (BAKHTIN, 1997). Desse modo, podemos pensar que a palavra do outro pode e deve ser lembrada quando, por exemplo, vem acompanhada

de entonação, que, por sua vez, envolve elementos fônicos e semânticos, o que significa dizer que estamos a associar duas ou mais formas para compreendê-la³.

Refletindo especificamente sobre o nosso *corpus* e, para dar conta minimamente da análise de uma perspectiva dialógica de compreensão da linguagem, as discussões tecidas com esmero por Brait (2012a) são esclarecedoras enquanto concepção teórico-conceitual, já que, neste momento, é preciso pensar nos conceitos nodais à temática, ao seu funcionamento e à discussão na contemporaneidade. Em *Perspectiva dialógica* (2012a), Brait tece considerações acerca das concepções de *texto e discurso* sob a ótica bakhtiniana, conceitos centrais para pensar a linguagem em suas múltiplas manifestações – proposições que nos interessam neste artigo. Para isso, a autora apresenta textos de diferentes momentos em que esses conceitos foram pensados por Bakhtin e outros membros do chamado Círculo (Volochinov, por exemplo), sobretudo, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, já referido, e em trabalhos reunidos na coletânea *Estética da criação verbal*.

De *Estética da criação verbal*, Brait (2012a), baseando-se mais especificamente no trabalho *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, traz a seguinte definição de texto: “texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 1997, p.329), definição que pode ser aclarada ainda mais com a leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1997), fato que confirma a necessidade de se buscar nas duas obras o significado deste conceito que acentua o caráter articulado dos trabalhos de Bakhtin e do Círculo. Dessa forma, é preciso voltar mais detidamente à questão do texto como “conjunto coerente de signos” e pensar que este signo, no sentido amplo, pode ser verbal, visual e/ou verbo-visual. Com efeito, o conceito de signo é a mola propulsora e um conceito-chave das reflexões bakhtinianas e, sendo o signo ideológico, constata-se que há uma concepção semiótico-ideológica de texto, em que a ideológica carrega significados que, por sua vez, criam trilhas de sentidos com as quais os sujeitos convivem por meio das interações dialógicas

³ Ainda sobre a questão de sentido, talvez ele não possa operar como força modificadora dos fenômenos físicos e materiais, ao menos não diretamente, embora, ao se construir um sentido ideológico dominante, que segue uma direção opressora e excludente às demais, se possa ter uma realidade de sentidos materializados. Arriscaríamos dizer que, em regimes totalitários, tais como o nazismo e/ou as ditaduras latino-americanas, as ideologias direcionam seus discursos para um sentido único e opressor/autoritário, que, por sua vez, constrói modos de ser e de existir enquanto “boa identificação” para sujeitos naquelas conjunturas.

da linguagem, algo sobre o qual tentamos refletir a partir da análise do material objeto de investigação neste texto.

Além disso, há também dois outros conceitos ligados à concepção de texto: o de enunciado e o de discurso, que se articulam e estabelecem entre si um vínculo umbilical, pois o enunciado é formado pela relação com elementos extralinguísticos e está conectado a outros enunciados. Na empresa teórica de Bakhtin, a questão das relações dialógicas entre enunciados e discursos pontua-se de tal sorte que o pensador ainda apresenta dois lados constitutivos à natureza do enunciado, o *dado* e o *criado*. Esses dois expedientes teóricos tentam compreender que, no enunciado, há sempre algo criado a partir de um dado, a partir de uma relação dialógica, algo que difere do dado observado no

Monologismo do pensamento nas ciências humanas. O linguista está acostumado a perceber tudo num contexto fechado (dentro do sistema da língua ou do texto compreendido linguisticamente, sem levar em conta a relação dialógica que se estabelece com o outro texto, o texto que responde) (...) (BAKHTIN, 1997, p.348-349).

Ainda nesta linha de raciocínio, o estudioso russo considera que a Linguística e a Metalinguística têm uma relação dialógica e não excludente; isso seria, portanto, uma perspectiva metodológica para conduzir o estudo do enunciado, tomando assim o enunciado como uma unidade da comunicação discursiva. E, na mesma coletânea de ensaios, *Estética da criação verbal* (1997), mais especificamente em Apontamentos 1970-1971, há a exposição da noção de texto ligada ao todo do enunciado, isto é, à forma como o enunciado estaria ligado a uma rede de outros textos, enunciados, discursos. Portanto, não há enunciados únicos ou isolados, há sempre enunciados anteriores ou posteriores, o que nos leva à questão metodológica do enfrentamento do todo. Devemos então, em uma análise, olhar todos os aspectos que ali estão engendrados, admitindo que há, no pensamento bakhtiniano, metodologia de estudo da linguagem, na qual a metalinguística (BAKHTIN, 2008), como explica Brait (2012a), se apresentaria como metodologia do estudo do discurso em suas múltiplas facetas, englobando o verbal e o extraverbal do enunciado concreto. A abordagem do discurso não se daria somente sob uma perspectiva interna ou externa, mas na amplitude do “diálogo”, o que mais uma vez nos permite pensar que essa reflexão teórica tem uma

dimensão multimodal da linguagem, o que inclui também a dimensão verbo-visual nas interações dialógicas entre sujeitos.

Destarte, em torno do desenvolvimento dessas reflexões, o que tentamos enfocar é o gesto teórico-metodológico posto em funcionamento pela autora brasileira dentro dos projetos que visam a mostrar como o pensamento bakhtiniano contribui para a análise de discursos verbo-visuais e, assim sendo, como contribuem para o estudo da análise de objetos culturais que articulam, no plano de expressão, de modo explícito ou implícito, as dimensões verbal e visual da linguagem. Por isso, a concepção semiótico-ideológica de texto deve ser trazida – como já referido – “analisada, interpretada, reconhecida a partir de mecanismos dialógicos que a constituem, dos embates e das tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seu plano de expressão e das esferas em que circula” (BRAIT, 2012b, p.2). Pensamos, portanto, que, na vereda epistemológica aberta por Bakhtin, Brait reúne um forte aporte teórico que colabora com os estudos sobre a verbo-visualidade, em especial, no tocante à relação texto/enunciado como um “conjunto coerente”, conforme assinalado. O conceito de discurso surge, então, nestas anotações, “como rede de *relações dialógicas* estabelecidas e assumidas por um sujeito (e não dadas de antemão), expressas na linguagem a partir de um *ponto de vista*” (BRAIT, 2012b, p.4; grifos da autora).

Tanto nessas anotações da teórica quanto em *Problemas da poética de Dostoiévski*, o discurso, enquanto relações dialógicas, aparece como o objeto da metalinguística que fundamenta o gesto teórico-metodológico, gesto que funda a perspectiva dialógica de análise do discurso, assim como a concepção de texto/enunciado, isto é, ambas – metalinguística e concepção texto/enunciado – servem de embasamento para a leitura da verbo-visualidade.

Assim, é possível dizer, a partir das proposições de Brait (2012b), que Bakhtin, no estudo da linguagem em geral, tem nas relações dialógicas o cerne de uma teoria analítica dialógica do discurso e considera, portanto, outras matérias signícas, outros fenômenos como constitutivos da linguagem e da compreensão de sentidos nas inter-relações entre sujeitos.

2 Dilma adestrada: análise dialógica do verbo-visual

Nesta seção, tentaremos compreender, a partir da análise das videomontagens, o funcionamento da relação dialógica da verbo-visualidade no discurso político de humor, o qual, no caso em questão, tenta construir um discurso de incompetência para a então candidata à presidência Dilma Rousseff. Como já mencionado, de nosso material de pesquisa, neste artigo selecionamos a videomontagem intitulada: *Direto ao Assunto: Episódio #04 - Copa 2010*, na qual analisamos a materialidade verbo-visual, o que servirá de base para perscrutarmos nossa compreensão de verbo-visualidade à luz da teoria dialógica do discurso. Acrescentam-se mais algumas anotações sobre o material escolhido: trata-se do quarto episódio de seis que foram postados no YouTube, mas que não configuram uma sequência lógico-matemática do tipo 1,2,3, etc., podendo ser compreendidos se vistos em momentos diferentes. O sujeito que postou as seis videomontagens no *site* utiliza o pseudônimo de *exilados* e dá a entender ser ele também o produtor-editor do vídeo. O tempo de duração deste vídeo é de um minuto e 17 segundos e a montagem, como explicitamos, tem como alvo principal do discurso humorístico derrisório a então candidata à presidência da República Dilma Rousseff. Foi postada no dia 13 de maio de 2010, período que antecedeu às eleições daquele ano.

O primeiro momento da videomontagem é composto de trecho de um vídeo que mostra um homem pedindo à candidata que cumprimente os internautas (figura 1); em seguida, é inserido outro trecho de outro vídeo em que há a apresentação de uma foca em um parque aquático (figura 2). Abaixo, há as duas imagens congeladas dos respectivos vídeos com a transcrição das falas do primeiro, uma vez que somente neste vídeo, entre estes dois primeiros, há falas de Dilma.



Figura 1: entre 00:02 e 00:08 segs.



Figura 2: 00:11 segs.

E1⁴: (O homem que observamos no vídeo profere uma frase como quem pede algo a Dilma, porém não é possível entender com clareza o que ele diz, só podemos inferir que ele pede a ela que fale para a câmera).

E2: Daqui a pouquinho, tá?

E1: Só um cumprimento, um cumprimento só, só um cumprimento...

E2: Tá bom, “Oi!” Assim? (sorrindo)

E1: Isso! “Oi!”, Dra. Dilma Rousseff...

E2: Oi! (sorrindo)

E3: Oi!

Na visualização do segundo vídeo (figura 2), que é composto por uma foca exibindo em um *show* toda sua perspicácia de adestramento, acompanhada de seu adestrador, em uma apresentação no que supomos ser um parque aquático, ouvimos uma música alegre, típica de apresentações circenses e esse segundo trecho tem a duração de apenas três segundos. Após a inserção desses dois recortes, entra um *slide* que é comum nas demais videomontagens da “série” criada pelo “produtor” *exilados*; nela há o seguinte enunciado em torno de uma imagem da candidata: “?Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula!”. Enquanto o visualizamos, ouvimos uma espécie de *jingle* em que é possível perceber um assobio e alguns instrumentos. Podemos inferir que a música é de alguém que assobia de modo descontraído.



Figura 3: 00:16 segundos

O *slide* seguinte (Figura 4) apresenta um quadro-negro de sala de aula e a seguinte questão é redigida pelo produtor da videomontagem: “Ex-ministra, qual a sua opinião para a lista de convocados para a Copa de 2010?”; ao fundo desse *slide* toca o famoso samba de Luiz Bandeira, “Na cadência do samba”, eternizado no programa Canal 100, um cinejornal dedicado a documentar os grandes momentos do futebol

⁴ E1: O homem que conversa com Dilma. E2: Dilma Rousseff. E3: Sujeito com a câmera que filma o vídeo.

brasileiro. Logo após, há a inserção de uma fala da candidata em um momento no qual supomos ser de uma entrevista coletiva em virtude do cenário que se apresenta. A candidata, então, responde à “pergunta” e, durante a sua fala, há o uso de recursos, como pausas e inserção de sons, como no momento em que ela supostamente dá uma pausa em sua fala – supostamente, pois não dá para identificar se é uma pausa espontânea ou uma edição – e é colocado o som de um carro ligando com dificuldades. Na sequência, há a interrupção do vídeo para a inserção do último *slide* (Figura 5) que tem a forma de uma bandeira ao vento, e carrega em seu centro a imagem de uma estrela alaranjada, como fundo de cenário, acompanhado de uma música, que se parece bastante com o som do hino *A internacional*, amplamente difundido entre os simpatizantes socialistas em todo o mundo:



Figura 4: 00:23 segs.



Figura 5: 1 min. 05 segs.

Além disso, há um narrador que lê os seguintes enunciados, que vão sendo mostrados e sobrepostos a essa imagem da estrela:

E4⁵: “Eu vi. Você, veja...

E4: Eu já vi, parei de ver.

E4: Voltei a ver, e acho que o Neymar e o Ganso têm essa capacidade fazer a gente olhar”.

Nota-se que esses enunciados são a reprodução do que disse Dilma no vídeo que os antecede e vêm assinados como “Dilma Rousseff”. Esses *slides*, de uma maneira geral, criam trilhas de sentidos para que se compreenda a verbo-visualidade. Decantam uma possibilidade de interpretação de que a candidata, tal qual uma foca amestrada, só obedece, condicionadamente, a seu treinador e o repete em seus comandos. Além disso, por meio das montagens, infere-se que a então candidata é “amestrada” e

⁵ E4: enunciador narrador do *slide* em questão.

“condicionada” a somente obedecer, sem um discurso próprio, que aceita até mesmo pessoas desconhecidas lhe ordenarem o que fazer. Ou seja, o comando de qualquer um, como em “E1: Só um cumprimento, um cumprimento só, só um cumprimento.../ E2: Tá bom, ‘Oi!’. Assim? (sorrindo)/ E1: Isso! ‘Oi!’, Dra. Dilma Rousseff.../ E2: Oi! (sorrindo)”. Na continuação, há novamente a colocação daquele primeiro *slide* (Figura 3), que contém a foto da candidata e o enunciado já transcrito acima, para então, mais uma vez, assistirmos a mais um pequeno trecho da foga batendo palmas. Depois, há outro pequeno vídeo que mostra a candidata, mas nesta cena ela rapidamente pede licença para se retirar.

Destarte, nosso escopo primordial é identificar o funcionamento dialógico da verbo-visualidade discursiva que compõe o *corpus* a analisar, retirado da videomontagem: recortamos esses pequenos trechos, mas não podemos desconsiderar a sua totalidade no processo de construção de sentido, ou seja, não é possível descolar os trechos do restante para analisá-los separadamente. Para tanto, observamos a sintaxe que vai sendo construída ao longo da videomontagem por meio da junção dialógica dos elementos multimodais, tais como as imagens recortadas de diferentes momentos da candidata; a música (simulando o *tic-tac* de um relógio, por exemplo, aludindo ao hino socialista e remetendo aos sons circenses, que, mesmo não sendo elementos unicamente verbo-visuais, parecem ser pertinentes, na medida em que mostram a dimensão multimodal da linguagem); e os dizeres materializados no penúltimo trecho (em que o produtor do videomontagem transcreve a fala/resposta da candidata).

Metodologicamente, ao refletir sobre a compreensão da montagem, apoiados na perspectiva dialógica do discurso, observamos que o diálogo se manifesta em dois momentos distintos – o primeiro e o segundo vídeo que compõem os primeiros segundos da videomontagem, por exemplo, que são postos para construir e constituir um texto/discurso que pode produzir determinado sentido (almejado como *target* e concretizado na contigência da circulação dos saberes discursivos). Dizendo de outro modo, a ideia pode ser vista como o criado que nasce a partir de um dado (BRAIT, 2012) e, dessa maneira, entendemos que o processo dialógico se dá quando existe a incorporação de um texto em outro, tanto para produzi-lo quanto para transformá-lo (BAKHTIN, 1997).

É possível, então, pensar que a verbo-visualidade na videomontagem se edifica por meio de uma organização “sintático-discursiva dos elementos materiais”, em dois eixos imbricados: em um primeiro eixo, digamos, mais ligado à linearidade, observamos um direcionamento do discurso obtido pela própria organização da videomontagem, qual seja, possíveis efeitos de sentido que resultam dessa maneira própria de organização; em um segundo eixo, acoplado de maneira mais simultânea, há materialidades multimodais na produção de sentido do discurso da videomontagem, tais como o jogo de imagem, escrita e canção, entre outros. Obviamente, há elementos para além da verbo-visualidade, entretanto eles também, como o direcionamento ideológico do discurso, são constituídos na junção dialógica engendrada na montagem. É, portanto, de boa parte dessas relações dialógicas entre o que denominamos eixos que se pode compreender o todo da videomontagem, a qual visa a desqualificar o ator político Dilma Rousseff durante a campanha presidencial de 2010, como alguém pouco competente para ocupar o cargo de presidente da República.

Notamos, com efeito, que o texto, tal como entendemos aqui a videomontagem, constitui-se por meio do processo dialógico com outros textos (pequenos trechos de outros vídeos, músicas), engendrado na ideia de eixos. Ou seja, juntos possibilitam que se entre em contato com outra perspectiva de sentido, diferente daquela que o dado trazia. Nesta frincha, portanto, está-se em contato com o criado pelo locutor, com o extratextual. Compreendemos que esse extratextual seja a afirmação (por meio de um humor derrisório, que visa a desqualificar) de que Dilma não é espontânea, ela é adestrada, ensaiada, um fantoche a obedecer à fala e aos movimentos de algum ventríloquo e/ou padrinho político, no caso. Para usar uma fórmula típica do discurso político “um poste”.

Em se tratando de, metodologicamente, enfrentarmos o todo, podemos pensar no *slide* que aparece depois dessa pequena sequência: “?Direto ao assunto com a *ex-ministra do Presidente Lula!*”, em que o locutor da videomontagem refere-se a Dilma como a *ex-ministra do Presidente Lula*, e não como Dilma Rousseff, candidata ou outro sinônimo que a predique ao cargo em questão. Há aqui semanticamente a construção de um sentido outro, aquele de que Dilma não teria competência ou não seria apta a ocupar um cargo de presidência. Ela seria, sim, um lugar a ser ocupado por alguém (na montagem afirma-se lexicalmente o ex-presidente Lula, assim como se infere, pela

circulação de saberes discursivos acerca dos dois atores políticos - Lula e Dilma, ser também o ex-presidente seu “adestrador” político e quem, de fato, governará), dando prosseguimento a seus planos políticos, uma vez que a “foca amestrada” apenas obedece às ordens de seu treinador. Existe, nesse trajeto de sentido criado, um apagamento do traço semântico “competência”, que se supõe ser necessário a um futuro presidenteda República, algo que a montagem deixa subentendido faltar em Dilma⁶.

Entendemos ainda que o recorte da videomontagem que analisamos poderia ser materialmente representado pelo enunciado “Dilma é adestrada”, que se concretiza no simbólico, ou seja, constitui-se um signo realizado/construído/concretizado sobretudo pela materialidade verbo-visual, mas que ressoa fortemente na multimodalidade da linguagem em uma junção dialógica que exhibe enunciados/discursos: (“Só um cumprimento, um cumprimento só, só um cumprimento...”, “Tá bom, ‘Oi!’. Assim?”), imagens (figura 1 e 2, por exemplo) e som acoplados. De maneira sucinta, poderíamos afirmar, ao utilizarmos nossa interpretação das colocações de Brait (2012a) sobre as ideias de Bakhtin (1997, 2006), que essa videomontagem é um enunciado que dialoga com outros enunciados já dados para criar o “novo”, que engendra e direciona os efeitos de sentido do discurso negativo à imagem da candidata Dilma. Em suma, é possível interpretar que o escopo primordial do locutor da videomontagem é descaracterizar a candidata por meio do discurso humorístico que procura evidenciar aspectos que mostrem a sua falta de competência e incapacidade para bem governar o país, incluindo, nesse conjunto “probatório” de sentido, determinar essa pecha para a então candidata: ela é amestrada, apenas um fantoche do então presidente à época, ou de qualquer outra pessoa, pois ela, tal qual uma foca amestrada, está condicionada a apenas bater palma, obedecer e fazer os outros rirem deste espetáculo. A presidenciável Dilma, nos indícios que a videomontagem fornece, apenas preencherá um espaço de direito, pois de fato quem continuará a governar será o seu mentor político e presidente na ocasião.

⁶ Talvez, uma interpretação que se preencha de sentido na ideia difundida nas eleições de 2010, da qual tratamos aqui, e que atualizada circulou largamente pela mídia e mesas de “especialistas” em política durante a disputa eleitoral da cidade de São Paulo, seja a de que, também apoiado por Lula, o então candidato e atual prefeito não seria mais que um segundo poste eleito pelo ex-presidente. "Sou o segundo poste do Lula. Tem alguém candidato a poste aqui?", perguntou Haddad, do alto do trio elétrico, numa referência à presidente Dilma Rousseff, que também foi chamada assim quando concorreu à sucessão de Lula, em 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/politica.sou-o-2-poste-do-lula-afirma-haddad.952575.0.htm> Acesso em 8/2/2013.

Com efeito, no trajeto de sentido criado pela montagem, é possível interpretar que se uma pessoa não consegue nem mesmo articular seu próprio discurso não poderá ser uma boa governante, entre outras coisas. Dito de outro modo, esses enunciados que compõem o discurso de Dilma nos bastidores, acompanhado da foca em uma apresentação, podem construir a equação genérica de valor deôntico: Dilma fala + Foca bate palmas = Dilma é adestrada; parece simples no primeiro momento, porém há algo de mais instigante, que é a forma como se apresenta esse conteúdo: a verbo-visualidade, isto é, a união umbilical entre imagem, a materialidade linguística, o som e a edição. Esses componentes constroem uma sintaxe por meio de uma relação dialógica discursiva que a engendra, construindo alguns signos ideológicos e trazendo outros que circulam em nossa sociedade.

Considerações finais

Para encerrar este artigo, ressaltamos que não nos propusemos aqui a fazer uma reconsideração epistemológica basal acerca da teoria de Bakhtin, retomada por Brait, para pensar a verbo-visualidade. Em contrapartida, quisemos apresentar implicações e pertinências sobre a tenacidade e produtividade dos conceitos bakhtinianos arrolados e perscrutados pelos dois autores no campo de estudos da linguagem. As videomontagens que aqui apresentamos possuem uma complexa organização multimodal, na qual existe um discurso acoplado a múltiplas materialidades significantes – semioses – como, por exemplo, som, imagem, cores, recursos de edição, a organização sintática discursiva, entre outras coisas. Todavia, temos como hipótese que esta multimodalidade se constrói, principalmente, a partir das relações dialógicas da verbo-visualidade, que implica pensar a linguagem nas semioses verbal e visual.

Cumpramos dizer que constatamos, nesta brevíssima e não exaustiva análise, a partir da concepção de discurso como produto de relações dialógicas, a possibilidade de tecer a leitura da verbo-visualidade no trecho recortado por meio da concepção de discurso: de que os enunciados (vídeos representados pelas figuras 1, 2, 3, 4 e 5, respectivamente) são postos a circular e significar no ambiente sócio-histórico por meio de uma relação dialógica que os concebe e lhes permite a criação de um outro enunciado que produz um outro sentido. O trecho que corrobora nossa hipótese é a inserção de uma foca (no início

e no fim), apresentando-se num parque aquático e, para que ela realize o que lhe foi designado para apresentação, ela é adestrada; há uma sequência de movimentos a serem cumpridos em um determinado tempo, tudo isso previamente ensaiado. Cremos que a ordenação da verbo-visualidade como um todo na videomontagem analisada cria uma trilha de interpretação, direcionada ideologicamente aos interlocutores desse tipo de material, tanto é pertinente que os enunciados destacados pelo produtor da montagem pinçam momentos propícios a associar a então candidata a um discurso alheio, não próprio. Os recortes de outros vídeos inseridos na videomontagem podem produzir um enquadramento do olhar para que o sentido seja cosido; o que supostamente se deseja é construir uma imagem para os interlocutores negativamente constituída, qual seja, a figura da candidata reverberando/baseando-se na ideia de que ela não é espontânea, ela foi *adestrada* para representar o papel de candidata e futura presidente e não tem discurso próprio, logo, não tem conhecimento e competências próprias e será manipulada a agir desta ou daquela maneira.

Devemos pontuar também que a videomontagem encontra-se em um ambiente virtual, abrigada num *site* de vídeos de fácil acesso. Os sujeitos usuários podem postar vídeos das mais diferentes naturezas e também comentários sobre eles e outros; contudo, a principal riqueza é poder comportar a verbo-visualidade, que proporciona a construção de sentido em um discurso. É possível notar ainda as perspectivas, as maneiras e as ferramentas de como são propostos um tipo de ideia hegemônica sobre determinado tema, possibilitado, no caso em que analisamos, pelas cibertecnologias, como o YouTube, que massificam os saberes individuais e coletivos, envolvem-se na construção de condições e cenários espaço-temporais e instâncias reguladoras da vida social e, muitas vezes, das instituições (ABRIL, 2008). E iríamos além: as ciberculturas se inscrevem na escrita da história de uma maneira diferente. Nem certo, nem errado; nem novo, nem velho, mas diferente. Narra-se, nos meandros dessas tecnologias, a partir de suas ferramentas de circulação discursiva, de uma ou mais maneiras, a história social que nos cerca nas atuais condições de produção e reprodução dos saberes, tal qual fazem livros, provérbios, lendas, folclores, famílias, pesquisas, entre outros elementos de difusão de saberes.

Podemos dizer que a existência de *sites* como o YouTube potencializa a capacidade de transformar os significados dos discursos que carregam um determinado

sentido, mas que, ao serem transformados dialogicamente, como as videomontagens – de acordo com nossa hipótese – tomados por discursos outros, podem adquirir outro potencial na construção de sentido. Por isso, é possível dizer que essa reconstrução, com a ajuda básica das tecnologias, garante o lugar de diferentes práticas discursivas. Atualmente a interação máquina, suporte da internet, programas de *software* e ser humano pode parecer confusa e pouco assimilável e natural, mas a interação com a tecnologia da escrita, um sistema linguístico, papel, tinta, que atualmente é fácil e natural, um dia também não o foi.

REFERÊNCIAS

- ABRIL, N. G. P. El discurso multimodal en YouTube. In: *ALED 8, Revista Lationamericana de Estudios del Discurso*, nº1, Servi-K C. A., Venezuela, p.77-107, 2008.
- BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.393-421.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006, p.31-39.
- BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.
- BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B. & SOUZA-e-SILVA, C. (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012a.
- BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I. L. & MENDES, E. (org.). *Discurso e imagem*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012b (no prelo).
- BURGESS, J.; GREEN, J. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.
- Direto ao assunto: Episódio #04 – Copa 2010*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KMFJvnRibM8> Acesso em 30 de novembro de 2012.

Recebido em 04/03/2013

Aprovado em 24/10/2013